

AJES – INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA – ISE
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS – PORTUGUÊS/INGLÊS
E RESPECTIVAS LITERATURAS

INCÓGNITA IDENTITÁRIA EM MACABÉA DE *A HORA DA ESTRELA*, E EM
FERNANDO DE *LEALDADE*

Autora: Jeciane de Paula Oliveira

Orientador: Prof. Dr. Cláudio Silveira Maia

JUÍNA/2011

AJES – INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA

**INCÓGNITA IDENTITÁRIA EM MACABÉA DE A HORA DA ESTRELA, E EM
FERNANDO DE LEALDADE**

Autora: Jeciane de Paula Oliveira

Orientador: Prof. Dr. Cláudio Silveira Maia

“Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Graduação em Letras – Habilitações Português/Inglês e Respectivas Literaturas, do Instituto Superior de Educação da AJES, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura Plena em Letras”.

JUÍNA/2011

AJES – INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr^a Rosangela Manhas Mantolvani

Prof.^a Suzana Oliveira Martins

ORIENTADOR

Prof. Dr. Cláudio Silveira Maia

AGRADECIMENTOS

Agradeço infinitamente aos meus pais (José Paulino de Oliveira e Margarete de Paula Oliveira) pelo apoio e pela herança concedida, ainda em vida: o desassossego ao ver injustiças sociais, foram eles que me ensinaram a ser verdadeira, acima de tudo, ainda que esta ação me custe à vida. E às minhas irmãs (Jerusa de Paula Oliveira e Jessica de Paula Oliveira) pela confiança depositada.

Agradeço à Clarice Lispector, por em sua obra ter me direcionado a querer parecer, nem que seja um pouquinho, com esta grande mestra: mais que palavras, ela é uma sentidora do mundo.

Agradeço ao Márcio Souza, por mostrar-me que também há vida no Norte, e esta história precisa ser contada.

Agradeço ao meu amor, Francimar dos Santos Ranhe, por ajudar-me a enfrentar os obstáculos que a vida coloca e por estar sempre ao meu lado incentivando-me e acreditando em minha vitória.

Agradeço à Rodis Márcia Crepaldi, nesses três anos de curso, dividimos alegrias, tristezas, porém, nossa amizade permaneceu e permanecerá para sempre.

Agradeço à Vanessa Coimbra da Costa e à Elaine Neris, pela amizade incondicional.

Agradeço, ainda, ao meu orientador Dr. Cláudio Silveira Maia, por ter norteado este trabalho.

E à professora Me. Patrícia Duarte de Britto, que foi um divisor de águas em minha vida acadêmica, grande parte do que sou enquanto estudante devo a ela; ao professor Rafael Einsiger Guimarães, por despertar em mim a paixão por Literatura; ao Dr. Cláudio Silveira Maia, novamente, e ao professor César Borges, concomitantemente, os melhores professores de Língua Portuguesa de minha vida; ao professor Adilson Wagner de Oliveira, o melhor professor de Língua Inglesa do mundo; à professora Marina Silveira Lopes pela escolha do tema; e à professora Dr. Rosangela Manhas Mantolvani, pela indicação das obras.

DEDICATÓRIA

À minha família, razão de minha existência.

A Literatura, antes de tudo, é denunciadora dos dilemas humanos e promotora de conhecimento crítico. (Jeciane de Paula Oliveira)

RESUMO

Este trabalho busca investigar a crise identitária travada pelas personagens Macabéa e Fernando nas obras *A hora da estrela*, de Clarice Lispector, e *Lealdade*, de Márcio Souza, respectivamente. Além de utilizar-se de tais personagens para promover uma crítica à sociedade que de forma excludente valoriza certos tipos sociais em detrimento de outros, impondo sua ideologia, pretende-se refletir sobre esta questão eminentemente social, e sobretudo denunciar o modo de vida de tais tipos marginalizados e de suas classes periféricas, a partir da ótica da crítica literária e pós-colonial.

Palavras-Chave: Crise Identitária, *A Hora da Estrela*, *Lealdade*.

ABSTRACT

This paper seeks to investigate the identity crisis faced by characters Macabéa and Fernando in the works *A hora da estrela*, by Clarice Lispector, and *Lealdade*, by Márcio Souza, respectively. In addition to make use of such characters to promote a critique of society that has an exclusionary form which values certain social types rather than others, imposing its ideology, it is intended to reflect on this question eminently social, and especially to denounce the way of life of such marginalized types and their peripheral classes, from the perspective of literary criticism and post-colonial.

Keywords: Identity crisis, *A hora da Estrela*, *Lealdade*.

SUMÁRIO

Considerações Iniciais.....	09
Clarice Lispector e Márcio Souza.....	11
1.1 Vida e Obra.....	11
1.2 Presença literária: pós-modernismo.....	17
1.3 Estilo literário.....	19
Faces de Macabéa e Fernando.....	21
2.1 O narrador.....	21
2.2 O amor.....	22
2.3 Segregação e Marginalização.....	24
2.4 O <i>gran finale</i>	34
Considerações Finais.....	39
Referências Bibliográficas.....	41
Anexos.....	44

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Há no ser humano uma tendência *segregacional*, o estranhamento pelo diferente causa repulsa pelo outro. Assim, surgem os diversos tipos de preconceitos/discriminações existentes.

Tratando-se do Brasil, temos uma diversidade de tipos e culturas (cultura, fazendo referência aos modos de vida), contudo ainda verifica-se a disseminação de conceitos arcaicos, a maioria deles *herança* dos colonizadores, em que, “gente renega sua própria gente”.

A nossa sociedade divide-se em classes e o pertencimento a tal classe determina a identidade do indivíduo. Ao longo da história, notamos que há uma sobreposição dos valores, costumes e ritos de uma classe dominante, o que promove tipos marginalizados, ou seja, grupos de indivíduos à margem do que é privilegiado pela sociedade. Por vezes, estes tipos se perdem em si mesmos, uns caminham em busca de um autodescobrimento, outros sequer sabem que se perderam, acostumaram-se às mazelas da vida, portanto, não se questionam, tornaram-se seres incapazes de refletir sobre si mesmos, enfatizando a mediocridade de suas existências. É a partir dessas questões que este trabalho se desenvolve.

A produção literária contemporânea imbricada à sociologia enfoca uma nova perspectiva: ser problematizadora dos dilemas humanos em suas múltiplas dimensões, numa tentativa de denúncia e ressignificação de realidade em seu momento histórico e para além dele. Nessa perspectiva, a literatura é um recurso para a promoção da imaginação sociológica no indivíduo, para pensar criticamente a sociedade em que está inserido em seus diversos âmbitos.

E se pensarmos como Cândido: que a literatura tem propriedade humanizadora, então poderemos entender que a literatura é um

[...] processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. (CANDIDO, 1995, p. 249).

Assim, para realizar essa análise, esse trabalho apropria-se das teorias de Tzvetan Todorov, que discute a questão do “outro”, de Albert Memmi, Frantz Fanon e Homi Bhabha, que mostram como o colonizador provocou a destruição das formas sociais autóctones, demolindo sem restrição os sistemas de referência da economia, as formas de aparência, de indumentária e as crenças religiosas, e nas de Stuart Hall, para desenvolver o conceito de identidade.

Os objetivos propostos neste trabalho são a promoção da reflexão crítica à sociedade que de forma excludente valoriza certos tipos sociais em detrimento de outros, impondo sua ideologia. E como a imposição da cultura do colonizador provoca alteridade de personalidade no colonizado, que em seu inconsciente possui o imaginário de que o primeiro é o arquétipo perfeito. Os capítulos ficam, então, assim ordenados:

O inicial, *Clarice Lispector e Márcio Souza*, tem como proposta a apresentação destes autores, em diversos âmbitos: vida e obras, estilo literário, e escola literária, a fim de colocar o leitor a par da grande relevância destes para a Literatura Brasileira.

Já o segundo capítulo, “*Faces de Macabéa e Fernando*”, procura descrever tais personagens e destacar as múltiplas faces de um mesmo ser e o modo de vida destes, além de apresentar como ocorreu o processo de marginalização das personagens estudadas.

E por fim, o escopo deste trabalho de conclusão de curso é arrazoar que o passar dos anos não tem modificado a mentalidade pequena da massa social que continua a segregar minorias étnicas, regionais, sexuais, etc.

CLARICE LISPECTOR E MÁRCIO SOUZA

Levando-se em consideração a importância de Clarice Lispector e Márcio Souza para a Literatura Brasileira, este primeiro capítulo apresenta brevemente a escritora que é — e aqui estamos nos referindo ao seu jeito às vezes ríspido e às vezes meigo de narrar — ao mesmo tempo bruxa e fada da narrativa psicológica e introspectiva de seus romances e contos, especialmente; bem como a Márcio Souza, escritor que conserva, como brasileiros raros, o orgulho do *ethos* amazônico.

1.1 Vida e Obra

1.1.1 Clarice Lispector

Clarice Lispector¹ nasceu em Tchetchelnik, na Ucrânia (antiga União Soviética), no dia 10 de dezembro de 1920, terceira filha de Pinkouss e de Mania Lispector recebeu o nome de Haia Lispector. Clarice e sua família eram de origem judia e sofreram a perseguição aos judeus, durante a Guerra Civil Russa de 1918-1921. Devido a este fato, mudam-se para o Brasil, especificamente Alagoas. Ao chegar a Maceió, à exceção de Tania — irmã, todos mudam de nome: o pai (Pinkouss): Pedro; a mãe (Mania): Marieta; a irmã (Leia): Elisa; e Haia: Clarice.

Dificuldades financeiras levam a família Lispector a mudar-se para Recife, lugar onde Clarice passa toda a infância.

A mãe de Clarice faleceu – Clarice sofreu com a morte da mãe – e seu pai decidiu transferir-se para a cidade do Rio de Janeiro. Inicialmente moram em uma casa alugada perto do Campo de São Cristóvão. Nesse mesmo ano, mudam-se para uma casa no Bairro da Tijuca.

¹ Ver foto em anexo.

Quanto à formação escolar de Clarice: Iniciou seus estudos em Recife, frequentando o Grupo Escolar João Barbalho. Essa instituição fora responsável pela alfabetização de Clarice. Em seguida, matriculou-se no Collegio Hebreo-Idisch-Brasileiro, onde termina o terceiro ano primário. Paralelamente estuda piano, hebraico e ídiche. Em 1932, ela ingressa no tradicional Ginásio Pernambucano, concluindo-o no Rio de Janeiro no colégio Sílvio Leite. Logo após, principia o curso complementar, simultaneamente aprende datilografia e estuda inglês.

Enfrentando dificuldades financeiras, leciona português e matemática. Em 1939, realiza um sonho: ingressa na Faculdade Nacional de Direito. Nesse período Clarice trabalha como secretária em um escritório de advocacia e em um laboratório, neste realiza traduções de textos científicos para revistas.

Após a morte do pai, Clarice passa a morar com a irmã Tania, já casada, no bairro do Catete. Emprega-se no Departamento de Imprensa e Propaganda - DIP, exercendo a função de redatora e repórter da Agência Nacional. Nesta instituição Clarice conhece Lúcio Cardoso, por quem se apaixona, contudo não é correspondida (o escritor era homossexual), tornam-se amigos íntimos.

Clarice sempre fora muito estudiosa e dedicada, além dos cursos já citados, os quais ela participou, ela realizou cursos de antropologia brasileira e psicologia, na Casa do Estudante do Brasil, nesse período inicia um namoro com seu colega de faculdade Maury Gurgel Valente. Em 1943, termina o curso de direito e casa-se com Gurgel, contudo somente empós nove anos, cola grau na faculdade de direito, após inúmeros adiamentos.

O marido de Clarice (Maury), por concurso, ingressa na carreira diplomática, é parte do quadro do Ministério das Relações Exteriores. Acompanhando o marido Clarice morou em países como Itália, Inglaterra, Estados Unidos e Suíça. Não obstante, Clarice escrevia frequentemente aos amigos e às irmãs, descrevendo a saudade que sentia do Brasil.

Ela teve dois filhos: Pedro, que nasceu em Berna, na Suíça, e Paulo em Washington, D.C., nos Estados Unidos. Em 1959, Clarice separa-se do marido e volta ao Rio de Janeiro com seus filhos. Sob o pseudônimo de "Helen Palmer", inicia uma coluna no jornal "Correio da Manhã", intitulada "Correio feminino — Feira de

utilidades". No ano seguinte, assume a coluna "Só para mulheres", do Diário da Noite.

Na madrugada de 14 de setembro de 1966 a escritora adormece com um cigarro aceso, provocando um incêndio. Seu quarto ficou totalmente destruído. Clarice é hospitalizada por dois meses. Devido aos ferimentos quase tem sua mão direita amputada pelos médicos. O acidente alteraria categoricamente a vida de Clarice.

Em 1977, vítima de uma overdose de cocaína, Clarice foi hospitalizada novamente, nessa funesta ocorrência, um câncer inoperável no ovário foi diagnosticado, fato que ela jamais soube. Em 9 de dezembro de 1977, falece Clarice Lispector, um dia anterior ao seu aniversário. Foi enterrada dois dias depois no Cemitério Israelita do Caju, no Rio de Janeiro.

Durante sua vida Clarice teve diversos amigos de destaque como Fernando Sabino, Lúcio Cardoso, Rubem Braga, San Tiago Dantas e Samuel Wainer, entre diversos outros literatos e personalidades.

As principais obras de Clarice podem ser assim situadas:

Romances

Perto do Coração Selvagem (1943); O Lustre (1946); A Cidade Sitiada (1949); A Maçã no Escuro (1961); A Paixão Segundo GH (1964); Uma Aprendizagem ou O Livro dos Prazeres (1969); Água Viva (1973); A Hora da Estrela (1977).

Contos

Alguns Contos (1952); Laços de Família (1960); A Legião Estrangeira (1964), contos e crônicas; Felicidade Clandestina (1971); A Imitação da Rosa (1973); A Via Crucis do Corpo (1974); Onde Estivestes de Noite? (1974); A Bela e a Fera (1979).

Crônicas e entrevistas

De Corpo Inteiro (1975), entrevista; Visão do Esplendor (1975), crônicas; A Descoberta do Mundo (1984).

Crônicas Infantis

O Mistério do Coelho Pensante (1967); A Mulher que Matou os Peixes (1969); A Vida Íntima de Laura (1973); Quase de Verdade (1978).

Perto do coração selvagem, primeiro romance de Clarice foi lançado em 1943. Esta obra apregoeou um novo período no modernismo brasileiro e evocou o olhar da crítica especializada para Clarice, conquistando o prêmio de melhor romance do ano de 1944, da Fundação Graça Aranha. Porém, antes de tal acontecimento, a publicação de Perto do coração selvagem enfrentou a recusa das grandes editoras. Sendo publicado com a ajuda dos amigos da escritora que intermediaram com o próprio jornal em que Clarice trabalhava, foram produzidos mil exemplares embasados em uma combinação: Clarice não pagou coisa alguma ao jornal, contudo também nada recebeu pela venda das obras, que rapidamente acabaram.

O romance *A Hora da Estrela*², uma das obras que fundamenta este trabalho, obteve grande repercussão, teve inclusive uma adaptação para o cinema, sob a direção de Suzana Amaral. O filme conquistou diversos prêmios, apenas em 1986, melhor atriz (Marcélia Cartaxo) – Festival Internacional de Berlim; melhor direção (Suzana Amaral) – Festival Internacional Creteil; melhor filme – Festival de Havana, e ainda foi indicado pelo Brasil para competição de melhor filme estrangeiro na Academia de Cinema, Artes e Ciências de Hollywood. Além de prêmios nacionais, como melhor filme, direção, roteiro, atriz, ator – Festival de Brasília; melhor filme – Festival dos Festivais de Cinema Brasileiro de Natal (1992).

O filme³ conta a saga de Macabéa, protagonista do romance – a qual será apresentada no capítulo seguinte. O roteiro do filme mostra-se fiel aos fatos apresentados por Clarice no romance, no entanto, não aborda a questão do narrador

² A citação destacada está disponível em: <http://www.programadorabrasil.org.br/filme/192/>

³ Ver foto em anexo.

Rodrigo S. M. (ele simplesmente não existe no filme), contudo na obra Rodrigo é parte integrante, ele se coloca como personagem.

Clarice faz uma associação entre o processo de construção da identidade da personagem Macabéa concomitante a de Rodrigo S. M., além de abordar a questão da elaboração de um romance e tratar de diversos temas socioculturais.

1.1.2 Márcio Souza

Márcio Gonçalves Bentes de Souza⁴ nasceu em Manaus, no dia 4 de março de 1946, seus pais são: Jamacy Senna Bentes de Souza e América Gonçalves de Souza. Aos 14 anos principiou escrevendo crítica de cinema para um jornal local e em 1965 deixou Manaus para estudar Ciências Sociais na Universidade de São Paulo. Em 1967, Márcio Souza publicou seu primeiro ensaio, *O mostrador de Sombras*. Sua paixão era o cinema: adentrou a esta carreira em 1968, exerceu diversas funções, como roteirista, assistente de direção, produtor de filmes publicitários, dentre outras.

Os primeiros curtas-metragens surgiram durante a fase de graduação: *Sentir a vida*, *Manaus fantástica*, *A coisa mais linda que existe* ou *A trajetória de um seringueiro*. Em 1972, Márcio dirigiu dois longas-metragens: *O rio de sangue* e *A selva*. Em 1974, Márcio Souza com a peça *Ajuricaba* conquista o prêmio de melhor texto teatral no I Festival Nacional de Teatro de Campina Grande, Paraíba. A carreira como romancista inicia com *Galvez, Imperador do Acre*, tal obra foi publicada em 1976 pelo governo do Estado do Amazonas e confere a Márcio o prêmio revelação de escritor, conferido pela Associação Paulista de Críticos de Arte. Este romance teve repercussão mundial, Márcio, cria então, uma versão em quadrinhos do romance e publica-a em 2004.

Romancista, ensaísta e dramaturgo. Sua obra está traduzida em vários idiomas. Em 1973, com o retorno a Manaus, este escritor participou da movimentação cultural criada em torno do Teatro Experimental do SESC. Nesse período escreveu grande parte de suas peças teatrais. Foi coordenador das Edições Governo do Estado do Amazonas, diretor de Planejamento da Fundação Cultural do

⁴ Ver foto em anexo.

Amazonas, diretor do Departamento Nacional do Livro, da Fundação Biblioteca Nacional e presidente da Fundação Nacional de Artes (Funarte), entre outras atividades relacionadas ao seu ofício de escritor. Ocupa na Academia Amazonense de Letras a cadeira 25, de Araújo Lima. Sua obra tem relação com a produção ficcional surgida nos anos 70, no Brasil, sob o signo da coerção e da violência política institucionalizada pelos governos militares. Estreou como ficcionista em 1976, com a publicação do romance, *Galvez, imperador do Acre*. Firmou sua reputação como ficcionista, com a publicação de vários romances que permeiam e fortalecem a literatura nacional.

Situam-se, a seguir, as principais obras de Márcio Souza:

Ensaaios

A expressão amazonense, do colonialismo ao neo-colonialismo (1977); Breve História da Amazônia (1992); O Empate Contra Chico Mendes (1986); Fascínio e Repulsa (2000).

Textos teatrais

Tem piranha no Pirarucu (1979); Operação Silêncio (1979).

Romances

Galvez, Imperador do Acre (1976); Mad Maria (1980); A ordem do dia (1983) e a Tetralogia “Crônicas do Grão-Pará”: Lealdade (1997); Desordem (2001); Revolta (2005), e o último volume, ainda não publicado, intitulado Derrota.

A obra *Galvez, Imperador do Acre* foi a responsável por lançar Márcio Souza como romancista no cenário literário brasileiro. Além desta, o escritor possui inúmeras obras de destaque, como *Mad Maria*, que foi publicada pela primeira vez em 1980, sendo transformado em minissérie pela rede Globo em 2005. *Mad Maria* conta a história da construção da suntuosa ferrovia Madeira-Mamoré, no Norte do Brasil. No coração da Floresta Amazônica, a construção dessa estrada de ferro

cortava a selva, transformando a paisagem daquela região. A ferrovia estava em acordo com interesses políticos e comerciais de autoridades nacionais e estrangeiras, contudo a custo da vida de inúmeros trabalhadores, que por um longo período foram usados para a construção.

Atualmente, Márcio Souza dedica-se à construção — inspirado em Érico Veríssimo — das crônicas do Grão-Pará: *Lealdade, Desordem, Revolta e Derrota*, este último volume ainda não foi lançado. Estas obras contam a história do Grão-Pará, desde o período colonial/ dependência de Portugal, a anexação ao Brasil, a Cabanagem entre outras facetas. São personagens reais e fictícias que colocam esta tetralogia como de fundamental importância na literatura e história brasileira.

1.2 Presença Literária: pós-modernismo

A literatura de Clarice Lispector e Márcio Souza singra o período iniciado em meados da década de 40 do século XX, tradicionalmente conhecido por 3ª geração modernista, e chegam aos nossos dias já de pós-modernidade daquele modernismo, e que na falta de outro nome segue com o sinônimo *pós-modernismo*.

As características que marcam esse estilo são: intensificação do ludismo na criação literária, utilização deliberada da intertextualidade, ecletismo estilístico, exercício da metalinguagem, fragmentarismo textual. E na narrativa há uma autoconsciência e auto-reflexão, radicalização de posições antirracionaisistas e antiburguesas. (RODRIGUES e ANDRADE, 2010).

Segundo Linda Hutcheon, “o pós-modernismo é um fenômeno contraditório, que usa e abusa, instala e depois subverte os próprios conceitos que desafia.” (HUTCHEON, 1995, p. 19).

Invariavelmente, o debate começa pelo significado do prefixo *pós* – um enorme palavrão de três letras que quer dizer tudo *depois de* e ao mesmo tempo nada, já que a partir daquele prefixo há que se considerar todas as mudanças sociais: políticas, econômicas e culturais que encetaram a sociedade de fins do século XX e inícios do XXI, mas que ainda não são necessariamente históricas, uma

vez que a distância que nos separa da década de 60⁵ do século XX talvez não seja suficiente para nos dar com mais propriedade o panorama da realidade compreendida no espaço-tempo delimitado acima. De fato, pontua Hutcheon: “[...] a relação do pós-modernismo com o modernismo é contraditória [...] ele não caracteriza um rompimento simples e radical nem uma continuação direta em relação ao modernismo: ele tem esses dois aspectos e, ao mesmo tempo, não tem nenhum dos dois. E isso ocorreria em termos estéticos, filosóficos ou ideológicos” (HUTCHEON, 1995, p. 36).

Desejo que, diferentemente do modernista, não significa “reorganizar o presente por meio do passado ou de fazer com que o presente pareça pobre em contraste com a riqueza do passado [...] não é uma tentativa de esvaziar ou de evitar a história” (HUTCHEON, 1991, p. 157), mas sem dúvida trata-se de uma expressão estética, um modo de contar e também de fazer poesia, há muito diferente dos primeiros dias do modernismo e mesmo dos últimos. No pós-modernismo, a exemplo do que se vê na poesia do nosso Manoel de Barros, a sintaxe muito mais engenhosa e inusitada comparece de forma definitiva. O veio crítico, a exposição contundente e sem ameias, como a satisfação de Márcio Souza de ser membro da comunidade manauara, numa clara contraposição às pretensões de São Paulo e Rio de Janeiro quanto a serem modelos hegemônicos da cultura brasileira —, carregam um tom naturalmente pós-modernista.

1.3 Estilo Literário

Clarice,
veio de um mistério, partiu para outro.
Ficamos sem saber a essência do mistério.
Ou o mistério não era essencial,
era Clarice viajando nele.
Era Clarice bulindo no fundo mais fundo,
onde a palavra parece encontrar
sua razão de ser, e retratar o homem [...]
(Carlos Drummond de Andrade)

⁵ Década em que, segundo Silviano Santiago (2004), inicia-se o Pós-modernismo no Brasil com o livro *Laços de Família*, de Clarice Lispector.

Clarice Lispector tornou-se um dos mais importantes nomes da Literatura Brasileira, pois foi a primeira a escrever sobre o indivíduo em crise e não a sociedade em crise. Almejava alcançar a mente das personagens em sua instância mais profunda, desta forma poderia sondar complexos mecanismos psicológicos. Em Lispector, destaca-se a alinearidade, suas histórias não possuem começo, meio e fim, nesta ordem propriamente dita. O enfoque não está no enredo, mas nas personagens.

O narrador das obras de Clarice, que por vezes, não se trata dela (autora) segue o fluxo do pensamento e o monólogo interior das personagens, prepondera, então, o tempo psicológico.

Algumas personagens, devido ao destaque central que se dá na mente e nas sensações, são sequer nomeadas, permitindo ao leitor a identificação com a personagem, pois se não há nome, poderia ser qualquer um. Uma das marcas do estilo Clariciano está em grande parte de suas protagonistas serem do sexo feminino, além de acontecer com estas a chamada “epifania”, ou seja, é o momento em que algo inusitado acontece: uma luz iluminadora de sua consciência e muda completamente o *eu* da personagem.

Enquanto Márcio volta-se à região Amazônica, em diversos âmbitos, observando aspectos culturais e linguísticos que permearam os séculos, mas também distintos fatos históricos que foram eminentes para a região, contudo não obtiveram ênfase na historiografia. As obras deste autor são de grande importância para a região Amazônica, senão para o Brasil, visto estarem fundamentadas em pesquisas históricas minuciosas que trazem a conhecimento peculiaridades, outrora desconhecidas, excepcionalmente, os falares de épocas e comunidades específicas.

Esse escritor “buscou sempre assinalar sua qualidade de voz expressiva e representativa, na cena artística, literária ou genericamente intelectual daquela região.” (HARDMAN, 2005, p. 97).

Márcio Souza, atualmente, é um dos maiores romancistas vivos, futuramente, sem dúvida fará parte do cânone nacional, pois suas obras não deixam a desejar em nada para os grandes da literatura, como Machado de Assis e Clarice Lispector.

Ele é considerado o pioneiro e redefinidor do romance histórico brasileiro, com seu primeiro romance – *Galvez, Imperador do Acre*.

No caso brasileiro, podemos afirmar que, após os anos 70, assistimos ao aparecimento de um grande número de romances voltado para a recuperação e a escrita da história nacional, que é revisitada em seus diferentes momentos. A leitura do conjunto dessa produção revela, pelo menos, a existência de dois caminhos que, preferencialmente, têm sido observados pelos autores: de um lado, situam-se as narrativas que focalizam acontecimentos integrantes da história oficial e, por vezes, definidores da própria constituição física das fronteiras brasileiras; de outro, aquelas que promovem a revisão do percurso desenvolvido pela história literária nacional. (BAUMGARTEM, 2000, p. 170).

A obra de Márcio Souza — por certas ligações a Oswald de Andrade, na comparação por exemplo das narrativas de *Galvez* e *Memórias Sentimentais de João Miramar* — assevera Baumgarten: percorre os dois caminhos acima mencionados, pois, concomitantemente, enfoca a história do país e gera vasta reflexão a respeito do processo literário nacional; logo, M. Souza é o principal percussor do novo romance histórico nacional, o que torna suas obras de extrema relevância para a literatura brasileira, se não mundial.

A seguir, mergulharemos fundo nas consciências narradoras das personagens Macabéa e Fernando.

FACES DE MACABÉA E FERNANDO

2.1 O Narrador

Clarice Lispector, inovadora, dá vida em *A hora da estrela* a um narrador denominado Rodrigo S.M. É este que se põe a contar, em 3ª pessoa, a história de Macabéa. São 42 páginas de entrave, sendo a nomeação de Macabéa apenas na página 43. Este narrador utiliza, em certos momentos, a 1ª pessoa, entrelaçando sua personalidade à da protagonista, pois se coloca como personagem do romance.

O diferencial do narrador clariceano está na denúncia social que a autora realiza, utilizando-se do narrador (Rodrigo S.M.) e da protagonista (Macabéa). Assim, a escritora trata de temas atemporais como a sobreposição do gênero masculino em face do gênero feminino; a migração nordestina para o sudeste; a miséria das áreas periféricas nas metrópoles, além de expor de modo sutil como se dá o processo de construção de um romance: um espaço, portanto, para a metanarrativa modernista.

Márcio Souza, por sua vez, apresenta em *Lealdade* o protagonista como narrador. É um Fernando idôneo recordando fatos do passado, cuja formação militar empreende nele um estilo bastante peculiar de narrar. Uma narração em 1ª pessoa traz uma reflexão levantando a hipótese de um outro passado da sociedade do Grão-Pará.

Fernando é uma personagem fictícia que convive com personagens reais/verdadeiras. Souza, valendo-se da verossimilhança no constructo de *Lealdade*, realiza uma estrutura romanesca que se afasta da estrutura tradicional dos romances históricos, fazendo um jogo entre o que verdadeiramente ocorreu e o que não ocorreu.

2.2 O amor

Quanto ao amor no *A hora da estrela*, sabemos que Macabéa encontra uma espécie de namorado, a única que conhecera em sua existência, no mês de maio, convencionado pelos ocidentais como o mês das noivas. Ao se olharem, se reconheceram como dois nordestinos, bichos da mesma espécie que se farejam, segundo Rodrigo S. M.

O namorado chamava-se Olímpico de Jesus e, ao se apresentar a Macabéa, sentiu-se envergonhado de possuir apenas o sobrenome dos que não têm pai; então acrescentou Moreira Chaves, sobrenome de seu padrasto, para dar-lhe fineza. “[...] Fora criado por um padrasto que lhe ensinara o modo fino de tratar pessoas para se aproveitar delas e lhe ensinara como pegar mulher.” (LISPECTOR, 1998, p. 44).

Fernando, entretanto, ao primeiro contato que teve com seu amor, sentiu que não fora real, conhecera-a através de um retrato que vira na casa de Batista Campos antes de partir para Caiena:

E eu, que não conhecia as regras do jogo da paixão, deixei-me apanhar pela imagem daquela jovem, pintada no que me explicaram ser a técnica do francês Jacques Louis David, concentrando-me na sua imobilidade e no seu olhar congelado e fascinante. Fiquei um longo tempo a contemplar a tela, no silêncio da tarde, indeciso se valia a pena regressar à realidade. (SOUZA, 1997, p. 79).

Ambas as personagens — Macabéa e Fernando — foram desprezadas e abandonadas por seus amores.

Olímpico era pernambucano, um sujeitinho ganancioso que trabalhava em uma metalúrgica, dizia-se metalúrgico e não operário, pois acreditava ser mais elegante. E isso dava a Macabéa um contentamento, afinal era alguém, o casal: metalúrgico e datilógrafa. Ele ostentava um dente de ouro e aspirava tornar-se deputado, queria ascensão social de qualquer forma. Olímpico trocara Macabéa por Glória (a colega de trabalho de Macabéa). Ao romper o namoro, Olímpico disse à Macabéa: “Você, Macabéa, é um cabelo na sopa. Não dá vontade de comer. Me desculpe se eu lhe ofendi, mas sou sincero.” (LISPECTOR, 1998, p. 45).

Glória representava para ele a porta para outro mundo: ela era bem alimentada, tinha família, o pai açougueiro; pelos quadris sabia-se que decerto seria boa parideira, além de ser carioca da gema, o que para ele era fundamental.

Enquanto a pobre Macabéa era murcha e lhe parecia ter em si mesma o seu próprio fim.

Retornando à história de *Lealdade*, nota-se que Simone, a moça do retrato por quem Fernando se apaixonou, era francesa e bem educada filha de um médico. Fernando a conheceu em Caiena — cidade em que lutou e venceu em favor de Portugal — seu pai era um prisioneiro de batalha. Fernando trouxe-os para Belém, e notava-se que ele tinha por ela um amor inexorável. Ela demonstrava amá-lo, porém o desprezava pela sua descendência e nacionalidade. Simone engravidou de Fernando, entretanto não contou a ele. Certo dia passou mal e foi levada ao hospital, o médico revelou a Fernando que a gravidez de Simone havia sido interrompida por vontade. Fernando foi questioná-la por que. Observe o diálogo:

- Eu não sou portuguesa, entendes? Eu venho de um país civilizado. Como poderia ter um filho nativo dessa merda de terra? Como? Como?
- Não vejo a menor importância nessa questão de nacionalidade.
- Claro, mas sei que gostarias de ser inglês, ou francês, tudo, menos português.
- Estás delirando – disse, chocado. (SOUZA, 1997, p. 127).

Simone repudiava a ideia de ter um filho em uma colônia portuguesa, ela mesma sonhava com o dia em que retornaria a Paris. Para ela, Portugal era um país retrógrado, formado por um povo inculto e servil ao clero. Imagine então viver em um lugar que se submete a este tosco país. As ideias de Simone surgiram dos ideais iluministas que haviam se espalhado por toda França, daí sua ojeriza a Portugal e às colônias portuguesas. Enfim, certa vez Fernando ouviu falar que o pintor do retrato de Simone, que ele havia visto na casa de Batista Campos, e ex-amor da francesa, estava em Belém, então uma dúvida pairava no ar: estava Simone encontrando-se com o pintor às escondidas? O fim era certo: Simone grávida novamente disse a Fernando que o filho era do pintor que, ao contrário de Fernando, era francês como ela. E juntos retornaram a Paris.

Ao lembrar este fato, o Fernando-narrador se pergunta como pode se entregar de tamanha forma a alguém que não retribuiu com igual intensidade: “Ela não me pertencia mais, nunca me havia pertencido. Mas teria gostado de saber em qual momento ela destruiu o meu amor-próprio e me fez aceitar esta não-posse, esse amor sem entrega total.” (SOUZA, 1997, p. 180).

2.3 Segregação e marginalização

Nós não nos tornamos o que somos senão pela negação íntima e radical do que fizeram de nós (SARTRE, 1979, p. 11 — prefácio a *Os condenados da Terra*).

Desde os primórdios, há valorização de um tipo (etnia, sexo, classe social) em detrimento de outro.

Na pré-história, os homens nômades, que viviam da caça e coleta, repudiavam os não dotados de força física, pois acreditavam que estes pouco podiam ajudar na sobrevivência do grupo.

Na antiguidade, as primeiras civilizações — após a descoberta da agricultura, fato qual transformou os nômades em sedentários — eram patriarcais e a mulher ocupava uma posição subalterna.

Na Idade Média, a dominação era religiosa, com o Império Bizantino na Europa e o Império Mulçumano da Península Ibérica à Índia. Em nome do Deus, de um e de outro, aqueles que de alguma maneira não se enquadrassem na doutrina empenhada por tais credos eram castigados e até mortos.

Já na Idade Moderna, a segregação se deu devido à expansão marítima europeia e a conquista da América, a exemplo, teve a destruição das culturas pré-colombianas, como os astecas e os incas. A posse e transferência de terras para a Espanha, e mesmo para Portugal, promoveu um verdadeiro genocídio.

Isso posto, vemos que desde o enceto da humanidade há episódios de atos excludentes. No Brasil, a começar pela colonização.

Os historiadores afirmam que em 22 de Abril de 1500, Pedro Álvares Cabral e suas caravelas aportaram na terra, a qual se chama presentemente Brasil. Durante muitos anos, ouvia-se o termo “descobrimento do Brasil” para denominar este fato; contudo, atualmente, entende-se que não houve “descobrimento” algum, visto que quando os portugueses ancoraram nesta terra já havia habitantes, os aborígenes.

Os aborígenes foram dizimados e adveio um intenso processo por parte dos colonizadores com o intuito de forçá-los a aceitar a cultura do “branco” / dominador,

ou seja, aculturá-los, e um dos meios utilizados para isso foi a religião. É assim, pois, que Fanon explica semelhante fato ocorrido em seu país, a Nigéria:

O colonizado consegue [...], por meio da religião, não ter em conta o colono. Através do fatalismo, toda iniciativa é arrebatada ao opressor, atribuindo-se a Deus a causa dos males, da miséria, do destino. Dessa maneira, o indivíduo aceita a dissolução decidida por Deus, avilta-se diante do colono e diante da sorte e, por uma espécie de reequilíbrio interior, chega a uma serenidade de pedra. (FANON, 1979, p. 41).

Os colonizadores portugueses necessitavam de mão de obra *cativa* para promover a exploração da terra e proporcionar o enriquecimento da coroa ou metrópole. Como ocasionar tal situação? Os padres jesuítas estavam por conta deste encargo, faziam os nativos negarem sua própria cultura religiosa e linguística para aderirem aos costumes daqueles que os aviltavam. A Deus era atribuído qualquer benefício ou malefício, transformando os recém cristãos em seres acríticos, aceitadores de qualquer imposição metropolitana.

Assim, iniciou-se a formação de

(u)m aparato que se apóia no reconhecimento e repúdio de diferenças raciais/culturais/históricas. Sua função estratégica predominante é a criação de um espaço para povos sujeitos através da produção de conhecimentos em termos dos quais se exerce vigilância e se estimula uma forma complexa de prazer/desprazer. Ele busca legitimação para suas estratégias através da produção de conhecimentos do colonizador e do colonizado que são estereotipados mas avaliados antiteticamente. (BHABHA, 2001, p. 111).

O despojamento ocorreu/ocorre também com os negros. O Brasil recebeu entre os séculos 16 e 19 cerca de 10 milhões de escravos (negros) provenientes de diversas partes do continente africano.

Os negros eram transportados em navios negreiros, denominados “tumbeiros”; os escravos chamados de “peças” chegavam ao Brasil em situação deplorável (apresentavam grandes feridas no corpo, piolhos e doenças de pele, estavam famintos e amedrontados), muitos morriam durante a viagem. Veja o poema “Navio negreiro” de Castro Alves:

Ontem a Serra Leoa,
A guerra, a caça ao leão,
O sono dormido à toa
Sob as tendas d'amplidão!
Hoje... o porão negro, fundo,
Infecto, apertado, imundo,
Tendo a peste por jaguar...
E o sono sempre cortado

Pelo arranco de um finado,
 E o baque de um corpo ao mar...
 Ontem plena liberdade,
 A vontade por poder...
 Hoje... cúm'lo de maldade,
 Nem são livres p'ra morrer. .
 Prende-os a mesma corrente
 - Férrea, lúgubre serpente -
 Nas roscas da escravidão.
 E assim zombando da morte,
 Dança a lúgubre coorte
 Ao som do açoute... Irrisão!...

Teorias como a do filósofo francês Hipólito Taine, que defendia que o homem é produto da raça, do meio e do momento, reforçavam as ideias de inferiorização do povo negro. Diversos argumentos depreciadores do negro permeavam a mente dos indivíduos. Alguns declaravam que o continente africano não era civilizado; outros afirmavam que o negro era inferior intelectualmente, pois as diferenças eram visíveis. E ainda, alguns alicerçavam o álbi em determinadas leituras do Antigo Testamento. (TAINÉ apud TODOROV, 1993).

Assim, o racismo aparece

não como pormenor mais ou menos ocidental, porém, como o elemento consubstancial do colonialismo. É [o racismo, pois,] a melhor expressão do fato colonial, e um dos traços mais significativos do colonialista. Não apenas estabelece a discriminação fundamental entre colonizador e colonizado, condição sine qua non da vida colonial, mas funda sua imutabilidade. [Com efeito,] somente o racismo permite colocar na eternidade, substantivando-a, uma relação histórica que começou em certa data. Onde o extraordinário desenvolvimento do racismo na colônia; a coloração racista da menor atitude, intelectual ou prática, do colonialista e mesmo de todo colonizador. (MEMMI, 1989, p. 71-72).

Voltando a Todorov (1993), percebe-se que a obra de Taine expressa ideias contraditórias acerca do racismo, sendo possível apenas a inferência de que ele é um poligenista⁶.

Segundo o texto de Rafael Kenski “Vencendo na raça”, divulgado na Revista Superinteressante, em abril de 2003, os brancos europeus acreditavam que escravizar africanos era natural, e se baseavam na passagem bíblica em que Cão, pai de Canaã e filho de Noé, vê a nudez de seu pai que estava embriagado, ao que

⁶ Doutrina segundo a qual as diferentes raças humanas derivariam de diferentes espécies primitivas.

Noé amaldiçoa e condena Canaã a servidão⁷. Por causa disso, Canaã teria se tornado negro, constituindo-se assim um estereótipo da negritude ainda a ser desestigmatizado.

Os cristãos tinham a ideia infeliz de que um país cristão era melhor que a África — um lugar que estava corrompido pelo paganismo, portanto a escravidão era uma forma suave de viver para o negro, considerando a África um lugar sórdido, de povo ignorante e biologicamente inferior.

No Brasil, depois de mais de 300 anos de exclusão social dos negros — exclusão que em parte permanece até hoje — foi assinada, em 13 de maio de 1888, pela princesa Izabel, a Lei número 3.553, denominada “Lei Àurea”, que efetivou a liberdade a todos os escravos, cedendo aos movimentos abolicionistas. Com essa Lei, agora podiam decidir pelos seus destinos, mas não eram alfabetizados, não haviam sido *socializados*. Que futuro os esperava? (Daí a resposta de o porquê de a maior parte da população brasileira pobre ser negra ou mestiça).

Atualmente, segundo o Censo 2010, 16, 2 milhões de pessoas vivem em condições de pobreza extrema, e dessas 70, 8% são pobres ou pardos⁸.

O brasileiro precisa aprender a respeitar o diferente, visto que, segundo Arnaldo Antunes, nós somos frutos de uma miscigenação.

Que preto, que branco, que índio o quê?
 Que branco, que índio, que preto o quê?
 Que índio, que preto, que branco o quê?
 [...]
 Aqui somos mestiços mulatos
 Cafusos pardos mamelucos sararás
 Crilouros guaranisseis e judárabes
 [...]
 Somos o que somos
 Inclassificáveis.

⁷ Bíblia Sagrada. Livro do Gênesis 9, 20-27.

⁸ Ver gráfico em anexo.

Fernando no século XVIII/XIX, assim como Macabéa no século XX, mostram como, mesmo com o passar dos anos, os seres humanos, em sua maioria, continuam a renegar o outro.

Esses fatores externos provocaram/provocam no indivíduo uma alteridade de personalidade⁹. O ser não sabe quem é, pois está inundado em um *mundaréu* de atos que envilecem e menosprezam a sua cultura, ou seja, a do oprimido, a do ser inoculado no submundo da existência.

Este tende a querer espelhar-se no povo que a ele passa a ideia de melhor cultura, e aos poucos a sua identidade é destruída.

O ser aviltado, confuso e inócuo, não é capaz de discernir as contradições que há nos atos dos dominadores, então, voltemos à colonização do Brasil, em que

a introdução do cristianismo leva à extinção [dos índios]. Mas, para conseguir isso, queimam homens vivos! Todo o paradoxo da pena de morte está aí: a instância penal executa o próprio ato que condena, mata para melhor proibir de matar. (TODOROV, 1999, p. 216).

Destarte, o explorado é completamente subordinado à vontade do opressor.

E coloca-se diante de uma indagação: quem sou eu? A sua identidade é uma incógnita para si mesmo.

A identidade, sob uma perspectiva sociológica, situa um indivíduo num grupo. Portanto, para saber quem somos, temos que reconhecer a posição em que nos colocamos.

De acordo com Stuart Hall:

A identidade é formada na interação entre o eu e a sociedade. O sujeito ainda tem um núcleo ou essência que é o “eu real”, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais “exteriores” e as identidades que esses mundos oferecem. (HALL, 2003, p. 11).

O ser humano constrói sua identidade do diálogo de dois mundos, um interior e outro exterior, e era esse diálogo que faltava a Macabéa. A personagem

[...] não se conhece senão através de ir vivendo à toa. Se tivesse a tolice de se perguntar “quem sou eu?” cairia estatelada e em cheio no chão. É que “quem sou eu?” provoca necessidade. E como satisfazer a necessidade? Quem se indaga é incompleto. (LISPECTOR, 1998, p. 15).

⁹ Digo personalidade, levando em conta que Fernando e Macabéa são personagens nos romances, porém representações da realidade, portanto, de certa forma tornam-se, certamente, verdadeiros humanos, pois o narrador deu vida a tais personagens.

De fato, se o ser que se indaga é incompleto, por outro lado o que não se indaga não o faz porque não se dá conta de nada: nem dele mesmo nem do mundo que o cerca. Mas como ter uma visão crítica do mundo e de si própria, se a moça nordestina de 19 anos possuía apenas o terceiro ano primário, era órfã e fora criada por uma tia que a trouxe de Alagoas para o Rio de Janeiro? Tia esta que quando se foi deixou uma única herança a ela: um curso ralo de datilografia. Daí, Maca, como o narrador Rodrigo S. M. a chama, fora morar em uma pensão, num quarto com mais quatro moças. As colegas achavam o cheiro da alagoana morrinhento, porém, por não saberem como alertá-la, ela jamais soube. A única paixão de sua vida era goiabada com queijo, que também era o castigo preferido de sua tia, ou melhor, deixá-la sem goiabada com queijo. Embora sem beleza ou vaidade notória, ela tinha o luxo de ir uma vez por mês ao cinema e pintar as unhas das mãos de vermelho escarlate. Sua existência banal pode ser compendiada em poucas palavras: Macabéa era uma péssima datilógrafa, era virgem e seu refrigerante favorito era a coca-cola. “[...] Trata-se de moça que nunca se viu nua porque tinha vergonha. [...]” (LISPECTOR, 1998, p. 22). A moça não tinha grandezas, comia de pé no botequim da esquina. Era “[...] ela como uma cadela vadia teleguiada exclusivamente por si mesma. Pois reduzira-se a si.” (LISPECTOR, 1998, p. 18).

Como a nordestina, há milhares de moças espalhadas por cortiços, vagas de cama num quarto, atrás de balcões trabalhando até a estafa. Não notam sequer que são facilmente substituíveis e que tanto existiriam como não existiriam. Poucas se queixam e ao que eu saiba nenhuma reclama por não saber a quem. Esse quem será que existe? (LISPECTOR, 1998, p. 14).

Pois sim. Também aqui a interrogação de Clarice Lispector em torno do complexo existencial, concebendo a existência como dor, alça Macabéa como a representação de tipos existentes, mas tipos existentes caracterizados pela existência dolorosa, severa: pessoas que de tamanha segregação não se questionam, sofrem e não sabem que sofrem, pois não conhecem vida diferente/melhor. Há quantos que estão a viver como a moça. Ela “[...] não sabia que era infeliz.” (LISPECTOR, 1998, p. 26).

E a quem reclamar/pedir socorro? O grito do oprimido é mudo.

“[...] a moça anônima da história [era] tão antiga que podia ser uma figura bíblica” (LISPECTOR, 1998, p. 31). É o que também podemos constatar, observando a personagem Fernando em *Lealdade*. Esta, se encontra à margem da sociedade, contudo, não por ser pobre, mas por pertencer a uma região periférica —

o Grão-Pará. Observe-se que, no Brasil, a colonização europeia se inicia e se mantém por muito tempo na região litorânea; dessa forma, o desenvolvimento para o interior do país tardou a vir, sobretudo porque a precariedade dos transportes dificultava demais a ocupação.

E ainda há de se considerar que o Grão-Pará¹⁰ sequer pertencia ao Brasil no século XVIII, era isolado, dificultando o progresso e a aceitação de outrem para com os originários desta terra.

Embora fosse filho de portugueses, Fernando Simões Correia nasceu em Novembro de 1783 em Belém. “Por pouco não nasci em alto-mar, e sou paraense por capricho aventureiro de meus pais.” (SOUZA, 2001, p. 41).

Fernando fora criado no Grão-Pará, colônia de Portugal, filho único, vivia junto ao pai e a mãe, era uma família de posses. Por isso, atingindo a juventude, Fernando mudou-se para Metrópole, a fim de estudar.

A idéia de ir para a metrópole era o sonho de todos os jovens do Pará, decisão que exigia que a família tivesse posses e algum prestígio político na colônia. Meu pai tinha as duas coisas, e mais a sólida amizade com o sábio baiano. (SOUZA, 1997, p. 31).

Durante o tempo que viveu em Portugal, Fernando estava resguardado por um benfeitor, o Doutor Alexandre Ferreira, trata-se de um homem a quem o seu pai já havia prestado favores.

Fernando era um jovem de coração português. Defendia esta pátria como se fosse sua, contudo teve decepções. Em 1807, Portugal vivia sobre grande tensão, Napoleão Bonaparte e suas tropas pretendiam invadir Lisboa. A família real, com o intuito de se acastelar, buscou refúgio no Brasil. Essa decisão em todos os âmbitos o aborrecia. Ao assistir o bota-fora/embarque da corte, Fernando declara:

Aquilo tudo começou a dar-me náuseas, tantas eram as cenas de baixeza e desídia. Recordo que tive naquela tarde a minha primeira frustração política grave. Eu sentia-me passado com a vergonha de ver os grandes do reino embarcarem a dar cotoveladas e empurrões uns nos outros, os rostos a demonstrar pressa e covardia [...] nem parecia um embarque, aquela algazarra lembrava muito mais uma chusma de piratas a saquear uma cidade. (SOUZA, 1997, p. 40).

¹⁰ O Estado do Grão-Pará e Rio Negro era uma colônia, assim como o Brasil, de Portugal, recebia ordens de Lisboa, sua sede era Belém. Surgiu em 1772, não pertencia ao Brasil, veio anexar-se apenas em 1823. In: Amazônia Conquista e Expansão/Governo do Estado do Rio Grande do Sul - Yeda Crusius; Secretaria de Estado da Cultura - Mônica Leal; Memorial do Rio Grande do Sul - Voltaire Schilling, site: <http://www.memorial.rs.gov.br/cadernos/amazonia.pdf>.

Como a família real, principal referência portuguesa poderia ser tão mortiça? Por que não ficar e lutar? Eram as indagações que Fernando fazia a si mesmo. Pois ele como militar admirava a coragem e a bravura. Além da vergonhosa fuga da corte portuguesa, outros ensejos importunavam Fernando. Ele estava chocado com a decisão, duplamente chocado:

Primeiro, por escolher o caminho da fuga, contrariando a velha tradição guerreira de Portugal, desde a expulsão dos muçulmanos até a Aljubarrota. Em segundo lugar, porque o príncipe regente não escolheu o Grão-Pará, uma colônia muito mais progressista e que o receberia com o carinho filial que o vice-Reino do Brasil seria incapaz de lhe dar, já que tínhamos notícias das diversas vezes em que sediosos e negros revoltados haviam atentado contra a integridade do reino. (SOUZA, 1997, p. 40).

Fernando, nesta época, era um completo vassalo português, acreditava fielmente que “[...] ao contrário dos brasileiros, os portugueses americanos do Grão-Pará tinham demonstrado sempre o mais completo amor filial a Portugal.” (SOUZA, 1997, p. 40).

Após a partida da corte, Fernando fora colocado em uma missão: com diploma de engenheiro militar em mãos devia regressar imediatamente ao Grão-Pará, e assumir o seu novo posto, o de tenente. Contrariado, Fernando confessa ao seu benfeitor que não deseja tal regresso, pois não sabia se ele acostumar-se-ia viver em Belém, além de ter total amor à pátria Portugal.

Alexandre, homem experiente, disse a Fernando: “Por que hás de teimar em ficar entre estranhos? Sim, são estranhos todos aqui, para ti e para mim. Ou melhor, somos nós os estranhos entre esses estranhos” (SOUZA, 1997, p. 47) e apresente-lhe os benefícios de se morar em Belém “[...] não terá mais de conter teu próprio coração com as censuras veladas, as recriminações injustas, os olhares de desprezo por seres um colonial.” (SOUZA, 1997, p. 47).

Fernando retorna ao Grão-Pará, todavia não sente que pertence a tal povo. Ao observar os grão-paraenses, julga-os: “os pobres” — “mal vestidos”, “rotos” e “andrajosos”; e, os “abastados” — “desengonçados”. Enfim, Fernando acha-os baixinhos e escuros, bem diferentes das multidões lisboetas (SOUZA, 1997).

Nota-se que todo ser humano, mesmo os que de algum modo são tratados de forma discriminatória, tende a ter dentro de si preconceitos incutidos, a exemplo de Fernando, em que fora dominado por este sentimento mesquinho, abjurando sua

própria gente, pois Fernando era descendente de portugueses, todavia nascera em Belém, ou seja, era naturalmente grão-paraense.

Era um Fernando que, quando criança, demonstrara total afeto ao povo que habitara esta terra. Certa vez, ao visitar o parente de seu pai, o Dr. Belarmino Bentes, conhecera Sofia, uma empregada da casa. Sofia era uma menina negra de 13 anos, sem pai ou mãe, tornara-se amiga de Fernando e revelara que juntava dinheiro, pois sonhava que um dia iria viver em Belém, ficaram íntimos que em determinada noite beijaram-se. Passados dois dias, Sofia fora despedida, açoitada e despachada para uma fazenda no Amapá, Fernando jamais soube o real motivo. Anos mais tarde, teve conhecimento do destino da moçinha por um vaqueiro do Dr. Belarmino “Ainda na viagem, foi violentada e morta por um taifeiro, que atirou seu cadáver no rio Amazonas. — Preto e índio acabam sempre assim por aqui — ele disse (o vaqueiro).” (SOUZA, 1997, p. 28).

Se Fernando em Portugal era tratado com desconfiança, como se fosse um estrangeiro por seus colegas de escola e de caserna (SOUZA, 1997), em Belém, ele ao regressar tratava desta forma aos Grão-paraenses.

Porém, observava também no Grão-Pará algumas peculiaridades amazonianas, como o banho coletivo:

O banho coletivo da gente simples, homens, mulheres, crianças e idosos a nadar e mergulhar com genuína alegria, a gritar na variedade de dialetos que ali se falava. A inocência primeira da cena era impensável em Lisboa, e lá seria desaprovada por indecência. (SOUZA, 1997, p. 51).

E os sapatos de borrachas:

Em Belém, todos andavam calçados. Ao contrário de Lisboa, onde os muito pobres enrolavam trapos nos pés ou os camponeses usavam uns pesados e grosseiros tamancos, ninguém transitava sem ostentar nos pés vistosos sapatos de borracha, finamente ornamentados e perfeitamente impermeáveis, altamente duráveis numa cidade de intensas chuvas diárias e ruas enlameadas. Sapatos e botas de couro, com fivelas e outros ornamentos, eram coisas de fidalgo e gente ainda por se aclimatar. Mas os sapatos de borracha formavam um hábito cultivado pela maioria das pessoas, quase como uma marca de distinção amazoniana. (SOUZA, 1997, p. 51-52).

Após dez meses do regresso de Fernando, este é enviado a sua missão: tomar Caiena. Os Grão-paraenses lutariam em favor de Portugal tomando uma cidade francesa. Esta cidade lutou bravamente, porém, foi vencida por Fernando e suas tropas. A luta se deu, pois

[n]a primeira década do século XIX, [quando] os exércitos de Napoleão Bonaparte varreram a Europa em nome dos ideais democráticos da Revolução Francesa. Decidido a dominar a Europa, Bonaparte dividiu o continente entre aliados e inimigos da França. Essa divisão foi levada ao extremo, em 1806, com a decretação do bloqueio continental, por meio do qual pretendia sufocar economicamente a Inglaterra, seu principal adversário. Aliado fiel do Império Britânico, Portugal viu-se no meio de um grave conflito internacional. Não podia virar as costas à Inglaterra, nem afrontar o bloqueio napoleônico [...] [decidiram transferir para o Brasil a sede do Império Português, em 1808 chegaram ao Brasil]. (TEIXEIRA, 2004, p. 139-140).

E Caiena era a

Capital da Guiana Francesa, situada entre a antiga Guiana Holandesa e o Brasil. Em 1809, Caiena foi ocupada pelos portugueses e a colônia francesa de além-mar anexada aos seus domínios. Essa atitude do príncipe regente d. João foi uma resposta a invasão francesa sofrida por Portugal dois anos antes.¹¹

O conflito identitário travado por Fernando no decorrer do romance *Lealdade* é exclusivamente pela questão centro-periferia/nacionalidade. Ele era um homem de posses, estudado e competente em seu trabalho. Enquanto, em *A hora da estrela*, Macabéa possuía todas as condições que proporcionavam a exclusão, não havia nada em seu favor: pobre, sem estudo, e ainda incompetente, era datilógrafa, porém sequer sabia escrever, para designar, por exemplo, escrevia “desiguinar”, segundo Rodrigo S. M.; e assim ela seria incompetente para a vida:

Faltava-lhe o jeito de se ajeitar. Tanto que (explosão) nada argumentou em seu próprio favor quando o chefe da firma de representante de roldanas avisou-lhe com brutalidade (brutalidade essa que ela parecia provocar com sua cara tola, rosto que pedia tapa), com brutalidade que só ia manter no emprego Glória, sua colega, porque quanto a ela, errava demais na datilografia, além de sujar invariavelmente o papel. Isso disse ele. Quanto a moça, achou que se deve por respeito responder alguma coisa e falou cerimoniosamente a seu escondidamente amado chefe: — Me desculpe o aborrecimento. (LISPECTOR, 1998, p. 25).

Tal resposta surpreendeu o Senhor Raimundo (o chefe) que decidiu mantê-la mais um tempo no emprego.

A alagoana possuía medos: (LISPECTOR, 1998, p. 33) tinha medo de pegar doença ruim. A juvenzinha era obediente. Sua tia falou que comer ovo faz mal ao fígado, então a moça obediente ao comer ovo no botequim sentia-se mal. Ouvira na Rádio Relógio um pastor que dizia: “Arrepende-te em Cristo e Ele te dará felicidade”. Então ela se arrependera. Como não sabia bem de quê, arrependia-se

¹¹ A citação destacada está disponível em:

<http://www.historiacolonial.arquivonacional.gov.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=249&sid=48&tpl=printerview>.

toda e de tudo. O pastor também falava que a vingança é coisa infernal. Então ela não se vingava” (LISPECTOR, 1998, p. 38).

Glória, após ter roubado o namorado de Macabéa, tentou compensá-la e convidou-a para lancha em sua casa domingo à tarde. Macabéa comeu tanto que passou mal, porém não vomitou para não desperdiçar. Ao receber seu salário, pela primeira vez em sua vida procurou médico — médico este que

trabalhava com os pobres detestando lidar com eles. Eles eram para ele o rebotalho de uma sociedade muito alta à qual ele também não pertencia. Sabia que estava desatualizado na medicina e nas novidades clínicas mas para pobre servia. O seu sonho era ter dinheiro para fazer exatamente o que queria: nada. (LISPECTOR, 1998, p. 68).

Este médico fingia não ver a situação deplorável em que Macabéa estava, receitava a ela o que a moça não podia comprar: boa alimentação. Para ele era mais fácil ignorar o problema a refletir sobre ele e tentar buscar solução. Afinal, Macabéa era apenas mais uma padecedora em uma sociedade inescrupulosa.

2.4 O *gran finale*

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar — ao menos temporariamente. (HALL, 2003, p. 13).

Fernando, durante todo o período relatado na obra *Lealdade* sobre sua vida (1783–1823), foi um guerreiro, primeiro lutou e defendeu a pátria portuguesa, depois entendeu que não era português, identificou-se com o povo do *novo mundo*, considerando-se irmão do povo do Grão-Pará, explorado e humilhado pelos lusitanos. Esse ideal vinha se formando em Fernando a partir de leituras de pensadores da Revolução Francesa, naturalmente contrários ao

[b]árbaro absolutismo português [que] não admitia a nossa existência plena, negava-nos como homens, afirmava que devíamos nos entregar sem reservas, dar nosso futuro, os nossos filhos ainda por nascer. Trabalha, trabalha colono, nos diziam, outro aproveitará [...]. (SOUZA, 1997, p. 104).

Fernando se coloca como colonizado e não colonizador. Ele se reconhece como paraense, porém um medo possuía: “Tudo seria esquecido, nada seria

lembrado. Nada. O sangue derramado, as feridas, as dores, as vidas que se perderam.” (SOUZA, 1997, p. 16). Esse temor não se concretizou, pois o povo reconhecia a luta de Fernando pela independência do Grão-Pará e o elegeu vereador nas eleições de 1823:

Em fevereiro de 1823, ocorreram as eleições para a Câmara Municipal. Foi uma campanha difícil, limitada em todos os sentidos pelos portugueses. Mas o povo de Belém sabia o que queria: nenhum português se elegeu. Era uma manifestação clara da preferência do povo pela independência do Grão-Pará. (SOUZA, 1997, p. 174).

Quando finalmente Fernando imaginava ter se encontrado enquanto ser, a *história lhe pregou uma peça*. O Grão-Pará não seria um país independente, um sonho que jamais se tornaria real. Batista Campos, ao saber da independência do Brasil em relação a Portugal, é que noticia o fato a Fernando: “— Está decidido por antecipação, caro amigo — disse o cônego, pensativo. — Seremos um pedaço do Império do Brasil.” (SOUZA, 1997, p. 175). E assegura: “— Estamos fadados a ser Brasil, é isto. E vamos ter de usar a nossa inteligência para que o Brasil nos receba como iguais.” (SOUZA, 1997, p. 175). E, além disso, a respeito dos brasileiros: “— o problema novamente é a nossa natureza. Somos parecidos, mas não iguais.” (SOUZA, 1997, p. 175). Observemos como se deu a aderência:

— Senhores — disse o oficial. — Está é a nau capitânia da esquadra imperial do Brasil, que se acha fundeada nas águas do Pará, sob o comando do Lorde Cochrane, de quem recebi ordens para vir aqui anunciar que o imperador do Brasil apóia o partido que tenha se formado em favor da independência; fica o porto desta cidade bloqueado até que o Grão-Pará aceite o sistema geral do império brasileiro. (SOUZA, 2001, p. 223).

Após o oficial realizar este anúncio à junta provisória no palácio do governo, um membro indaga: “E se não aceitarmos?” E obtém como resposta do oficial com forte sotaque paulista “— Belém será bombardeada pela esquadra. E faremos a anexação pela força.” (SOUZA, 2001, p. 223).

A junta reuniu-se e decidiu por anexar o Grão-Pará ao império brasileiro. No dia 16 de agosto de 1823, juraram à independência e assinaram um termo que confirmava a decisão da junta.

Contudo, no dia 19 de agosto de 1823, os Grão-paraenses descobriram que “não existia nenhuma esquadra, era tudo um grande embuste. Mas não haveria mais retorno”. Enfim, “O Grão-Pará havia se rendido a uma mentira.” (SOUZA, 2001, p. 229).

Ao ser anexado ao império do Brasil (o Grão-Pará) em 1823, uma nova crise identitária se trava em Fernando:

Volto a entregar-me ao arbítrio da memória que, ao tomar-me gentilmente pela mão, deverá conduzir-me ao largo das ilusões e assim regressarei ao passado, ao tempo em que os sonhos de minha geração foram postos à prova, ao instante em que um país entrou em agonia e morreu. Sim, os países morrem. [...] E não poderia ser diferente, porque assim é quando uma nação gora na gema, nem derrotada, nem dominada, simplesmente falhada. (SOUZA, 1997, p. 182).

O excerto anterior mostra a consternação em que se encontrava este bravo guerreiro ao ver a sua pátria se render, lutaram, lutaram e não perderam nem venceram, simplesmente *falharam*, é o que diz Fernando.

O destino também *pregou uma peça* em Macabéia. Esta que [...] não sabia que ela era o que era, assim como um cachorro não sabe que é cachorro. Daí não se sentir infeliz. A única coisa que queria era viver. Não sabia para quê, não se indagava. [...] (LISPECTOR, 1998, p. 27).

Incentivada por Glória (que se sentia culpada por ter roubado o namorado de Maca, Olímpico), Macabéia procura uma cartomante, trata-se de Madame Carlota, esta personagem merece destaque, pois mais uma vez Clarice revela a imundice humana, ela havia sido prostituta e depois quando a velhice estava chegando foi cafetina, ou seja, também era fruto da sociedade marginal, a cartomante disse a Macabéia “— Olhe, eu era muito asseada e não pegava doença ruim. Só uma vez me caiu uma sífilis, mas a penicilina me curou [...].”(LISPECTOR, 1998, p. 74). Toda a fala desta personagem mostra o profundo *lamaçal* em que se encontrou em toda sua vida. Ela acrescenta: “eu tinha um homem de quem eu gostava de verdade e que eu sustentava porque ele era fino e não queria se gastar em trabalho nenhum. Ele era o meu luxo e eu até apanhava dele.” (LISPECTOR, 1998, p. 74). Era uma pobre mulher, oprimida pela crueldade do mundo.

Quanto a Macabéia, a pobre moça enfim teria um destino. Madame Carlota acertara tudo a respeito do passado da moça. “Mas Macabeazinha, que vida horrível a sua! [...] Macabéia empalideceu: nunca lhe ocorreu que sua vida fora tão ruim.” (LISPECTOR, 1998, p. 6).

A propósito do futuro, “Macabéia nunca tinha tido coragem de ter esperança”. Porém, a hora chegou: Ela separou um monte de carta na mão “era o ponto alto de

sua existência. Era o vórtice de sua vida [...]” (LISPECTOR, 1998, p. 75-76).

Madame Carlota declara:

— Macabéa! Tenho grandes notícias para lhe dar! Preste atenção, minha flor [...] sua vida vai mudar completamente! E digo mais: Vai mudar a partir do momento em que você sair da minha casa! Você vai se sentir outra. (LISPECTOR, 1998, p. 78).

Com efeito, ao sair da casa de Madame Carlota, Macabéa já se sentia outra, queria arrumar o cabelo, pois segundo a cartomante, não seria mais despedida, Olímpico a pediria em casamento. Entretanto, já se esquecera de Olímpico, agora só pensava no gringo “Hans” por quem já estava apaixonada sem conhecer, apenas pela previsão. Até para atravessar a rua já era outra pessoa. “Então ao dar o passo de descida da calçada para atravessar a rua, o destino (explosão) sussurrou veloz e agudo: é agora, é já, chegou a minha vez.” (LISPECTOR, 1998, p. 78).

E, simplesmente, foi atropelada por um Mercedes amarelo, ela que sonhava em ser uma estrela de cinema: uma Marilyn Monroe, ao cair pensou que era o prenúncio que as previsões iriam se cumprir, pois o carro era de alto luxo, a queda era apenas um empurrão.

“E da cabeça um fio de sangue inesperadamente vermelho e rico. O que queria dizer que apesar de tudo ela pertencia a uma raça anã teimosa que um dia vai talvez reivindicar o direito ao grito.” (LISPECTOR, 1998, p. 80). As pessoas a rodearam, finalmente era uma estrela, as pessoas a notavam. “Até tu, Brutus?!”. Assim o narrador Rodrigo S. M. anuncia a morte de Macabéa.

O romance *Lealdade* não mostra a morte física de Fernando, contudo a morte de uma das identidades que Fernando por algum tempo acreditou ter — o deslumbramento pela pátria lusitana, pois no desfecho da obra, Fernando indagado por um soldado sobre o quê sorria, respondeu-lhe que era porque se lembrara de um fado que um grande amigo costumava cantar, o fado dizia:

Lisboeta fadistinha
O cu abana tão bem
Que só de ver o manejo
A gente logo se vem.
(SOUZA, 2001, p. 253).

Fernando estava totalmente liberto de Portugal, conseguia até fazer piada de signatários desse povo.

O fado fora engraçado para Fernando, no entanto, “o soldado não riu, permaneceu sério [e disse a Fernando] — Minha mãe era de Lisboa. Era fadista.” (SOUZA, 2001, p. 253).

Há uma tendência dos brasileiros em realizar piadas utilizando como objeto os portugueses, essa é uma rivalidade que persiste há décadas, entre os principais temas das piadas estão o insulto à inteligência dos portugueses (que então a teriam de menos) e a desvalorização da mãe desses indivíduos.

O fato de Fernando contar uma piada sobre portugueses ratifica que ele deixou de cultivar a ideia de ser português; enfim, descobriu enquanto ser, inserindo-se em outro grupo: o de nacionalidade brasileira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho apresentou que no decorrer do tempo a história foi pautada pela versão dos colonizadores/dominadores como a versão indubitavelmente verdadeira. Todavia, na atualidade, a literatura reassume um papel de denunciadora e transformadora da realidade. Aliada à história e à sociologia, tem o papel provocador de apresentar outra versão: a dos vencidos, dos oprimidos, demonstrando que o indivíduo deve ter outras maneiras de ver e ser no mundo.

Nesse âmbito, as personagens Macabéa e Fernando, apresentadas nas obras *A hora da Estrela* e *Lealdade* são representações da realidade. Ambos travam um conflito identitário, pois são questões geográficas, sociais e políticas do “outro” que interferem no reconhecimento de sua identidade.

Em Macabéa a relação com o “outro” é norteadada como um déficit na percepção e na discriminação de sua identidade, essa proposição na obra *A Hora da Estrela* submete-se a dois intentos: o de pôr em proeminência o “outro” excluído, e o da ambivalência do mesmo ao lidar com essa conjuntura de segregação.

Por sua vez, Fernando procura construir a sua identidade sempre em relação ao “outro”, apesar da complexidade desse processo, visto que esta personagem reside em um ambiente que passa por um período de definições territoriais, com pujante conexão entre o colonizador (opressor/dominador) e o colonizado (oprimido/dominado).

Vimos, então, que estas personagens estabelecem constantemente relações de identificação e afastamento diante do outro, colocam-se diante do “outro” estabelecendo relações de identidade e de alteridade em vários momentos.

Portanto, as obras aqui analisadas despontam como importantes vozes denunciadoras das relações de poder existentes numa sociedade que conservava em boa parte do século XX uma pretensa cultura europeia, naturalmente excludente, então, em se tratando dos membros que compõem a nacionalidade brasileira, já que a cultura que aqui se tinha como referência era (e acreditamos que ainda o seja em certa medida) geralmente marginalizadora dos pobres, negros, índios e mestiços

Percebe-se, assim, que o fechar deste tomo não encerra as análises da situação dos esquecidos na pós-colônia. Muito pelo contrário, reabre-as ainda em Lispector, Souza e tantos outros escritores brasileiros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BHABHA, H. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2001.

BÍBLIA SAGRADA. Edição Pastoral. São Paulo: Editora Ave-Maria, 1999.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: _____. **Vários escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

FANON, Franz. **Os condenados da terra**. 2. ed. Prefácio de J. P. Sartre. Tradução de José Laurênio de Melo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HARDMAN, Francisco Foot. Revolta na planície do esquecimento: a grande falha amazônica. In: **Cadernos de literatura brasileira**. Rio de Janeiro, n. 19, 2005.

HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo**: história, teoria, ficção. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

LISPECTOR, Clarice. **A hora da Estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MEMMI, A. **Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador**. 3 ed. Tradução de Roland Corbisier e Mariza Pinto Coelho. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

SANTIAGO, Silviano (2004). A aula inaugural de Clarice Lispector. In: _____. **O cosmopolitismo do pobre**: crítica literária e crítica cultural. Belo Horizonte: Editora da UFMG.

SOUZA, Márcio. **Lealdade**. São Paulo: Marco Zero, 1997.

SOUZA, Márcio. **Lealdade**. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2001.

TEIXEIRA, Francisco M.P. **BRASIL História e Sociedade**. 1 ed. São Paulo: Editora Ática, 2004.

TODOROV, Tzvetan. **A conquista da América: a questão do outro**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

TODOROV, Tzvetan. **Nós e os outros: a reflexão francesa sobre a diversidade humana**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993. Volume I: Parte 2: Raças. Pp. 105-181.

SITES:

A HORA da estrela. Disponível em: <http://www.programadorabrasil.org.br/filme/192/>. Acesso em: 10 de nov. de 2011

ANTUNES, Arnaldo. Inclassificáveis. Disponível em: <<http://letras.terra.com.br/arnaldo-antunes/91636/>>. Acesso em: 24 de out. de 2011

BAUMGARTEN, Carlos. O novo romance histórico brasileiro. **Revista via atlântica**. São Paulo, n. 4. Disponível em: http://www.fflch.usp.br/dlc/posgraduacao/ecl/pdf/via04/via04_15.pdf. Acesso em: 11 de nov. de 2011

CASTRO, Alves. Navio negreiro. Disponível em: <<http://www.culturabrasil.org/navionegreiro.htm>>. Acesso em: 24 de out. de 2011

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Visão de Clarice Lispector**. Disponível em: <http://www.memoriaviva.com.br/drummond/poema060.htm>. Acesso em: 08 de set. de 2011

KENSKI, Rafael. **Vencendo na raça**. Disponível em: <http://super.abril.com.br/superarquivo/2003/conteudo_277670.shtml>. Acesso em: 23 de out. de 2011

O ARQUIVO Nacional e a História Luso-Brasileira. Disponível em: <http://www.historiacolonial.arquivonacional.gov.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=249&sid=48&tpl=printerview>. Acesso em: 01 de nov. de 2011

RIBEIRO, Guilherme. **Brasil tem mais de 16 milhões de pessoas vivendo em condições de extrema pobreza**. Disponível em: <http://mtv.uol.com.br/memo/brasil->

tem-mais-de-16-milhoes-de-pessoas-vivendo-em-condicoes-de-extrema-pobreza.
Acesso em: 23 de out. de 2011

RODRIGUES, Aline Ribeiro e ANDRADE, Gilsa Dorneles. Uma professora muito maluquina: a arte de ensinar/2010. Disponível em:
<http://www.unisa.br/graduacao/humanas/letra/alunos/uma-professora-muito-maluquinha.pdf>. Acesso em: 10 de nov. 2011

FOTOS:

Figura 1: DORIGATTI, Bruno. **Clarice**. Disponível em:
<http://www.portalliteral.com.br/banco/texto/clarice>. Acesso em: 10 nov. 2011.

Figura 2: Disponível em:
http://www.marciosouza.com.br//interna.php?nomeArquivo=galeria&idx_img=01.
Acesso em: 10 nov. 2011.

Figura 3: Disponível em: <http://www.adorocinema.com/filmes/a-hora-da-estrela/trailers-e-imagens/>. Acesso em: 10 nov. 2011.

Figura 4: RIBEIRO, Guilherme. **Brasil tem mais de 16 milhões de pessoas vivendo em condições de extrema pobreza**. Disponível em:
<http://mtv.uol.com.br/memo/brasil-tem-mais-de-16-milhoes-de-pessoas-vivendo-em-condicoes-de-extrema-pobreza>. Acesso em: 23 out. 2011.

ANEXOS



Figura 1

12



Figura 2

¹²**Figura 1:** Clarice Lispector

Fonte: <http://www.portalliterar.com.br/banco/texto/clarice>

* Esta foto foi tirada por sua amiga Bluma Wainer em Paris, Junho de 1946.

Figura 2: Márcio Souza

Fonte: http://www.marciosouza.com.br/interna.php?nomeArquivo=galeria&idx_img=01

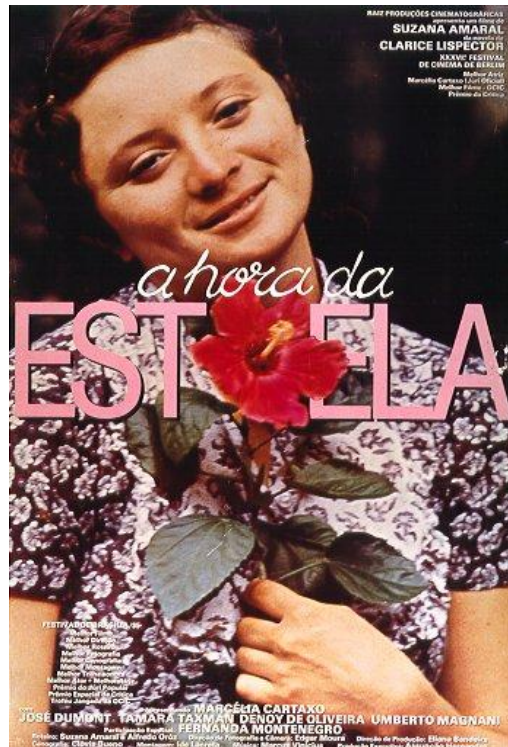


Figura 3

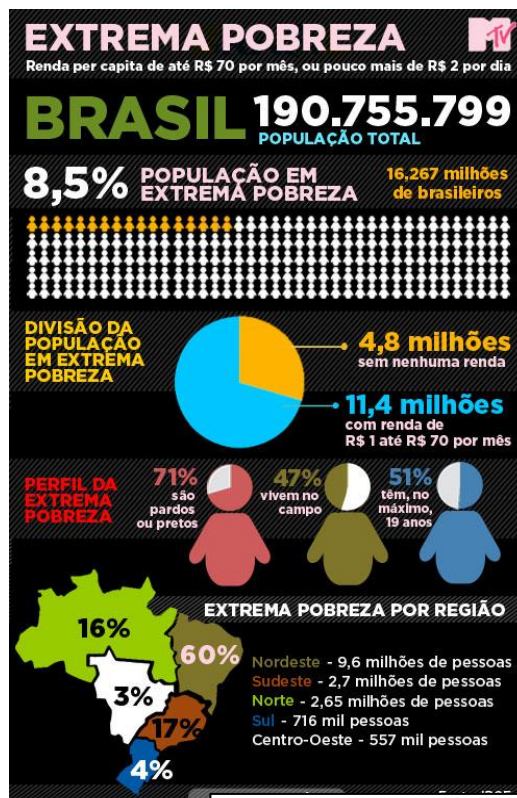


Figura 4

¹³ **Figura 3:** Macabéa no filme *A Hora da Estrela* de Suzana Amaral (1986)

Fonte: <http://www.adorocinema.com/filmes/a-hora-da-estrela/trailers-e-imagens/>

Figura 4: Gráfico sobre a população negra pobre

Fonte: <http://mtv.uol.com.br/memo/brasil-tem-mais-de-16-milhoes-de-pessoas-vivendo-em-condicoes-de-extrema-pobreza>.